



## RESUMO DA SEMANA - 30/07 a 03/08

Novamente uma semana de grandes alternativas para os mercados de risco, com os investidores sempre focados nas disputas comerciais centradas nos EUA e China. Durante o período o acirramento da situação, isso acabou por influir no comportamento dos mercados acionários, mexendo também com juros e câmbio. No plano internacional, como pano de fundo, as diversas reuniões de bancos centrais sobre juros.

No Brasil, alguns indicadores de conjuntura foram sendo apresentados, mas com os investidores atentos no processo político em andamento. Na virada do mês de julho, a Bovespa encerrou com valorização de 8,88%. O que não deixa de ser positivo diante de tudo que atravessamos. Os investidores estrangeiros ajudaram ao alocarem liquidamente em julho volume de recursos de R\$ 3,78 bilhões. Mexeu ainda com os mercados acionários do mundo e do Brasil a safra de balanços referentes ao segundo trimestre de 2018, especialmente as ações de tecnologia no mercado americano.

No que tange as reuniões de bancos centrais, o BOE (BC Inglês) elevou os juros de 0,50% para 0,75%, mas o surpreendente foi a decisão unânime dos membros. Porém, manteve estabilizada a compra de ativos em 435 bilhões de libras e antecipou que próximas altas serão limitadas e graduais. A percepção é que nova alta aconteça em fevereiro de 2019, preparando o Brexit. Aliás, em coletiva, o presidente, Mark Carney, acrescentou que as perspectivas podem ser alteradas pelo Brexit, mas elevou a projeção do PIB para 1,5% em 2018 e 1,8% em 2019.

O FED, como esperado manteve a política monetária estabilizada, mas identificou que a economia cresce forte, com mercado de trabalho em expansão e inflação convergindo para a meta. Alertou para as incertezas na área comercial, mas não enxergou aumento de risco. Portanto altas graduais estão consistentes e políticas acomodatórias são recomendadas. Isso não mudou a avaliação dos analistas de mais duas altas de juros no ano. O BoJ manteve a política monetária estabilizada, mas mexeu nos critérios de compras de ETFs e influenciou na tendência dos juros.

Apesar disso, o que mais mexeu com os mercados foram mesmo as disputas comerciais, com ameaças dos EUA e resposta da China. Os EUA divulgaram que poderiam sobretaxar produtos da China em 25% (anteriormente falavam em 10%) e até US\$ 200 bilhões, fato que efetivamente foi anunciado em 01 de agosto. A China respondeu com alguma prudência, já que os EUA disseram que era para que voltassem a discutir práticas injustas. Os chineses se dispuseram a discutir, mas sinalizaram que estão prontos para retaliar e aplicaram sobretaxas entre 5% e 25% para US\$ 60 bilhões.

Trump e sua equipe indicaram que podem reduzir tributação sobre ganhos de capital numa segunda rodada de redução da carga fiscal, que pode acontecer em outubro, e que pode paralisar as atividades do governo, caso o Congresso não vote temas ligados à imigração. Além disso, seus assessores sinalizaram que um acordo com o México está próximo, depois de isolarem o Canadá.

Em termos de indicadores, na Alemanha a inflação medida pelo CPI de julho (Consumidor) mostrou alta de 0,3% e taxa anual de 2,0%, as vendas no varejo de junho expandiram 1,2% e o índice PMI

da atividade industrial em alta para 56,4 pontos. Na zona do euro, o PIB do segundo trimestre cresceu 0,3% e taxa anual de 2,1%. A taxa de desemprego ficou em 8,3% e a inflação pelo CPI anualizada em 2,1%. Na Itália, o PIB do segundo trimestre mostrou alta de 0,2%.

Nos EUA, na última sessão da semana, tivemos o anúncio do payroll com a criação de vagas no conjunto da economia (setor público e privado) com 157.000 vagas criadas em julho. Taxa de desemprego em queda para 3,9%, as encomendas à indústria em junho com expansão de 0,7%, os gastos com construção (investimentos) de junho encolhendo 1,1% e o PMI da indústria de julho em queda para 55,3 pontos. A renda e gasto pessoal cresceram de forma idêntica em 0,4% e o deflator de preços com consumo registrou alta de 0,1% e taxa anualizada de 2,2% (o núcleo evoluiu 0,1% e taxa anualizada de 1,9%).

No cenário local, seguiram as negociações políticas entre partidos, com Alckmin se fortalecendo com as coligações e vice com Ana Amélia, mas praticamente todos ainda sem anunciarem seus vices, já que esperam por novas coligações. Durante o período foi possível extrapolar que a candidatura de Ciro Gomes perdeu tração pela atitude do PT e PSB, e Bolsonaro e Marina seguem com exíguo tempo de TV, por não terem conseguido fazer coligações. A candidatura de Alvaro Dias foi mantida (até o momento), e seu vice veio da desistência de Paulo Rabelo em se candidatar.

Na economia, a pesquisa Focus veio com poucas alterações, mas melhorando dados externos de balança comercial (superávit de [US\\$ 58,1](#) bilhões) e déficit em conta corrente encolhendo para [US\\$ 19,8](#) bilhões. O IBGE anunciou dados da PNAD contínua do trimestre encerrado em junho com o desemprego em 12,4% e população desempregada em 13,0 milhões. A qualidade do emprego é que segue ruim com aumento de trabalho sem carteira.

O IBGE anunciou a produção industrial do mês de junho com expansão de 13,1% e alta no ano de 2,3%. Destaque para bens de capital com expansão mensal de 25,4% e ainda estamos 13,7% abaixo do pico de maio de 2011. No segundo trimestre, houve queda em relação ao primeiro trimestre de 2,5%, efeitos da greve que produziu queda em maio de 11,0%. A constatação é que seguimos em ritmo muito lento que pode comprometer o PIB do segundo trimestre.

#### **RESUMO DA SEMANA**

**IBOVESPA: 81435 (+1,96%)**

**DOW JONES +0,04%**

**NASDAQ +0,97%**

**DÓLAR -0,24% (R\$ 3,71)**

#### **PERSPECTIVAS**

Dois temas certamente serão repassados para a próxima semana e devem afetar o comportamento dos mercados. No segmento internacional, as discussões e acirramento dos ânimos na área comercial, especialmente entre os EUA e a China. No segmento nacional, o término das convenções partidárias e escolhas de candidatos, e ainda o registro de candidaturas. Fica pendente o que o STF fará sobre a prisão de Lula e decisão pelo TSE.

No plano externo é de se prever maior suavização da situação comercial, pelo menos no que tange ao México, e possivelmente Canadá. Porém, fica difícil prever o que acontecerá entre EUA e China. Uma coisa parece certa: existe um certo jogo de cena dos dois lados. Trump querendo resolver as próximas eleições de novembro e a China tentando não ficar isolada. Ocorre que o problema transcende ao comércio internacional e envolve disputas hegemônicas sobre tecnologia a acusação de roubo de propriedade intelectual. Muito mais complexos de serem resolvidos.

Ficam ainda por serem resolvidas pendências americanas com relação às denúncias de interferência russa nas eleições americanas. O FBI deu declarações que a situação continua, ou pelo menos as tentativas, apesar de menos intensas. Isso pode gerar desdobramentos diplomáticos importantes. As declarações foram duras dizendo que a Rússia tenta menosprezar a democracia americana.

No cenário local, vamos ter novos resultados de pesquisas eleitorais mais esclarecedoras e começando a definir os candidatos e potencial de figurarem no segundo turno. A manutenção da chapa de Alvaro Dias reduz a perspectiva de um candidato de centro estar no segundo turno. E a indefinição do PT pode atrapalhar coligações e transferência de votos de Lula para eventual poste que pretenderia eleger.

Do ponto de vista da análise técnica, seguimos acreditando ser possível o Ibovespa chegar e ultrapassar o patamar de 81.500 pontos e conseguir firmar buscando novo objetivo em 83.900 pontos. Por outro lado, não deveríamos perder o patamar de 78.500 pontos sob pena de acelerar precipitações.

Alvaro Bandeira

Sócio e Economista-Chefe modalmais

Fonte: <https://www.modalmais.com.br/blog/falando-de-mercado>